

S. FRANCISCO DE SALES, DIRECTOR ESPIRITUAL

ANA COSTA
UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM
acmcanacosta@gmail.pt

RESUMO: Este estudo pretende sublinhar a importância de S. Francisco de Sales em matéria de direção espiritual, especialmente declinada no feminino. De facto, foi intenso e diversificado o labor do Santo na tentativa de aperfeiçoamento das almas que de si se aproximavam. Presencialmente, através de cartas ou dos seus livros, particularmente a Introdução à Vida Devota, entrou em muitas casas, chegou à corte e penetrou nos mosteiros. Assim, deixou a sua marca na época em que viveu e irradiou a sua influência para os séculos seguintes, transpondo barreiras geográficas e linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: S. Francisco de Sales; direção espiritual; século XVII.

ABSTRACT: This study aims to highlight the importance of St. Francis of Sales in the field of spiritual direction, especially declined in the feminine. Indeed, the work of the Saint was intense and diverse, trying to perfect the souls to all who approached him. In person, through letters or his books, particularly the Introduction to the Devout Life, he went into many homes, came to the court and entered the monasteries. Thus he made his mark at the time when he lived and radiated his influence to the following centuries, crossing geographical and language barriers.

KEY-WORDS: Saint Francis of Sales; spiritual direction; XVIIth century.

Os diferentes biógrafos de S. Francisco de Sales¹ esforçaram-se por nos dar a conhecer um homem que, desde a sua juventude até ao momento da sua morte, se manteve extremamente ativo, não descurando nenhuma das obrigações que chamava a si. Assim, destacou-se enquanto apóstolo, pregador, confessor, bispo, diretor espiritual, autor de livros espirituais e, até, diplomata. Ainda que todas estas facetas sejam determinantes no estudo da espiritualidade salesiana, de facto, ao nome do Santo ficará sempre associado o papel de diretor espiritual, já que foi uma atividade que desenvolveu com grande zelo e gosto ao longo de toda a sua vida.

De facto, a forma como S. Francisco de Sales entendia e punha em prática

¹ S. Francisco de Sales nasceu no Ducado da Saboia em 1567 e morreu em 1622.

a direção espiritual destacou-se no seu tempo pela sua originalidade e destaca-se ainda hoje pela sua atualidade, pelo que é tido como um modelo a seguir:

*La gran influencia de Francisco a lo largo de los siglos nos enseña a valorar que tanto su vida como sus escritos dejan entrever un camino claro para la perfección cristiana. Siendo un “maestro y guía de la santidad”, y modelo de una santidad no austera y triste, sino amable e accesible a todos, presenta un reto para los directores espirituales de hoy, que se tomen en serio este camino y lo sepan aplicar en el ministerio diario de las almas.*²

O método seguido por S. Francisco de Sales incute nas almas dirigidas o otimismo, pois reconhece que a melancolia e o pessimismo são prejudiciais à alma. Assim, recomenda a oração, pois esta inspira a confiança em Deus, e insiste na convicção da capacidade redentora da graça. Se, por um lado, reconhece a miséria e a imperfeição do ser humano, por outro, exorta a que levante o coração a Deus. Para Francisco, um bom diretor espiritual deve seguir o exemplo de Cristo e adotar uma postura de amável compreensão em relação ao dirigido. Bustamante Chicaíza sublinha que uma das características da direção espiritual de S. Francisco de Sales «es que forma la persona individualmente, sin quitarla de su contexto social, ni de su familia, ni de la sociedad en que vive»³. Com efeito, a direção espiritual desenvolvida pelo Bispo de Genebra, nas suas diversas formas e ao longo de toda a sua vida, teve sempre em consideração o estado de cada um, mostrando que a verdadeira devoção é compatível com as obrigações, pelo que rejeita o conflito e busca a harmonia.

S. Francisco de Sales contribuiu para o aperfeiçoamento espiritual de várias pessoas, revelando uma grande capacidade de compreender e iluminar aqueles que o rodeavam, o que se compreende por duas características fundamentais para o exercício da direção: a ciência e a santidade. De facto, grandes místicos apreciados pelo Santo, como é o caso de Santa Teresa, falam frequentemente da necessidade de que um diretor espiritual seja santo, mas que se possa valer também da sua ciência.

Sendo os modelos de direção espiritual salesianos um riquíssimo filão e vastíssima a sua influência, optamos, pela escassez de tempo e espaço, por deixar de lado aspetos relevantes da sua biografia⁴ e debruçar-nos sobre algumas

² BUSTAMANTE CHICAÍZA, Orlando A. – *La Práctica de la Dirección Espiritual en la Vida y Enseñanzas de San Francisco de Sales*. Pamplona: Facultad de Teología de la Universidad de Navarra, 2007, p. 388.

³ BUSTAMANTE CHICAÍZA, Orlando A. – *La Práctica de la Dirección Espiritual en la Vida y Enseñanzas de San Francisco de Sales*. Ob. cit., p. 386.

⁴ Basta que pensemos na assiduidade com que o Santo assistia nos confessorários o quanto essa tarefa o ajudou a compreender cada vez melhor a alma humana e as suas falhas. Assim se compreende o motivo pelo qual não poderia deixar de exortar a outros confessores que se empenhassem numa boa administração deste

das suas obras⁵ e, ainda que de forma incipiente, rastrear o seu eco num autor português, Frei Agostinho de Santa Maria. Merecedora de atenção seria, também, a epistolografia, que se revela fundamental para percebermos a forma como entendia e exercia a direção espiritual⁶ de várias pessoas de diferentes estados. Uma das particularidades do seu “método” reside no pressuposto de que o diretor se deve adaptar às características do dirigido, respeitando a sua individualidade. De facto, nas suas cartas, é evidente quer o conhecimento que tem sobre a pessoa a quem dirige os seus ensinamentos, quer a sua capacidade de adaptar-se a cada caso concreto. As suas palavras mudavam consoante o temperamento, idade, estado de saúde⁷ e, em particular, o grau de progresso na perfeição cristã e os deveres de estado de cada um. Ingenuamente, hoje consideramos que, pela sua morosidade, a direção espiritual epistolar não seria a mais eficaz, mas S. Francisco de Sales socorreu-se inúmeras vezes da escrita de cartas ao longo do seu ministério e com elas alcançou grandes proveitos. Com efeito, é necessário ter em consideração especificidades da época e da vida do Santo, nomeadamente a dificuldade em transpor distâncias e os muitos afazeres que o ocupavam enquanto bispo de Genebra. Por outro lado, não podemos ignorar que, pelo facto de se tratar de uma direção espiritual escrita, esta poderia ser várias vezes consultada e até partilhada. E, para quem, há distância de quatro séculos, pretende aprofundar o conhecimento da espiritualidade salesiana, as cartas de direção assumem-se como documentos riquíssimos.

A difusão da espiritualidade salesiana é indissociável da palavra escrita, essa que tem a capacidade de perdurar. De todas as obras do Santo, aquela que alcançou maior sucesso foi, indubitavelmente, a *Introdução à Vida Devota*, que conheceu várias edições e traduções. Ainda que datada de 1609, a obra parece ter saído pela primeira vez no final do ano anterior⁸. Esgotada rapidamente, saiu em setembro uma segunda edição revista e aumentada pelo autor. Em 1610, 1616 e 1619 somaram-se mais três edições revistas. Assim, da responsabilidade

sacramento, pois poderiam assim salvar muitas almas. Com este firme objetivo, escreveu uma Carta Pastoral a todos os confessores da sua diocese. Efetivamente, S. Francisco de Sales é visto como o exemplo do bom confessor, pois, além de o fazer com grande regularidade apesar da sua dignidade de bispo, mostrava-se disponível para ouvir a todos com a mesma amabilidade, desde o mendigo até às altas personalidades da época.

⁵ Conscientes de que muito ficará sempre por dizer, seleccionámos a *Introdução à Vida Devota*, o *Directório de Religiosas* e o *Tratado do Amor de Deus*.

⁶ LE COUTURIER, E. sublinha a importância das cartas de direção espiritual do Santo para uma compreensão mais abrangente da sua espiritualidade: «Les lettres de direction spirituelle tiennent la plus grande place dans la correspondance de saint François de Sales; elles offrent double intérêt de nous faire connaître, avec le directeur d'âmes, l'application de sa doctrine ascétique et mystique à des cases particuliers et divers.». *Lettres de direction et Spiritualité de Saint François de Sales*. Paris : Emmanuel Vitte Éditeur, 1952, p. 54.

⁷ O Santo tinha particular cuidado, por exemplo, na recomendação de exercícios de piedade às mulheres grávidas.

⁸ Esta opinião não é partilhada por Dom Mackey, que considera que terá saído em janeiro ou fevereiro de 1609.

do Santo, houve cinco edições, a que se juntam as reimpressões.

Roger Devos⁹ realizou um estudo estatístico sobre a publicação desta obra em França ao longo do século XVII e constatou que a mesma, ainda em vida do Santo, teve mais de trinta edições. Entre 1623 e 1673, o ritmo de publicação foi extremamente elevado, saindo dos prelos em média 2,5 obras por ano, sendo que o ponto alto se registou nos anos que se seguiram à canonização, graças também ao elevado número de panegíricos. No entanto, a partir de 1673, o número decaiu consideravelmente e a média passaria a ser “apenas” de 0,8 por ano. É neste contexto de aparente desinteresse que, em 1696, J. Brignon trouxe à luz uma forma modernizada da obra, procedendo a alterações até ao título: *Conduite des gens du monde a la perfection chrétienne. Fidèlement extraite de l'Introduction a la Vie devote*¹⁰. Face à reação contrária por parte da Ordem da Visitação, o autor retirou a obra do mercado. No entanto, em 1707, publicou-a novamente, agora com o título *Introduction à la vie dévote de Saint François de Sales Evêque et Prince de Genève* com a indicação no rosto de que destinava «à l'usage des personnes peu habitués au vieil langage». Esta estratégia editorial de atualização linguística parece ter resultado, uma vez que a obra foi reeditada vinte e nove vezes ao longo do século XVIII e muitas mais no século seguinte.

A influência deste livro é imensurável, pois, além das sucessivas reedições em várias línguas, graças à pregação e à direção, ela chegava mesmo àqueles que não sabiam ler. Bourdaloue, no seu panegírico do Santo, afirma que não é possível contar quantas mães de família se formaram com este livro, o que desmente a teoria avançada por alguns de que este livro era menos lido no século XVII do que em tempos mais actuais. A este livro é atribuído o mérito de ter formado «la femme française, cette maîtresse de maison, cette mère de famille de la bourgeoisie ou du peuple, qui passait du couvent au mariage comme à une profession religieuse, qui s'établissait gardienne du foyer, hereuse dans sa vie limitée, trouvant sa joie à se “consacrer” à son mari et à ses enfants»¹¹.

O sucesso da *Introdução à Vida Devota* foi imenso e, ainda hoje, é reconhecida a sua atualidade e utilidade¹². É talvez um dos livros em língua francesa mais

⁹ DEVOS, Roger - «Le salésianisme et la société au XVIIème siècle» in *Saint François de Sales. Témoignages et Mélanges à l'occasion du IVe centenaire de sa naissance. Mémoires et Documents publiés par L'Académie Salésienne*, Tome LXXX. Editions Franco-Suisses, Ambilly-Annemasse, 1968, pp. 211-242.

¹⁰ Nouvellement revue par le P. J. Brignon. A Paris, chez Simon Bernard, 1696.

¹¹ CALVET, Jean - *La Littérature Religieuse de François de Sales a Fénelon*. Paris: Del Duca Éditeur, 1967, p. 55

¹² Basta que pensemos que, em pleno século XXI, esta obra continua a ser editada em várias línguas e continua a ser alvo de numerosos estudos. A este respeito, ver PLAUSHIN, Fr. Mark - «Saint Francis de Sales' *Introduction to the Devout Life*, 1609-2009», in *Homiletic & Pastoral Review*, March, 2010, pp. 24-29. «Still fresh, still timely four hundred years after its first publication, St Francis de Sales' *Introduction to the Devout Life* is urgently worthy of the Church's attention and is a critical source for understanding “Salesian” spirituality as grounded in the universal calling to holiness. It is an extraordinary work of modern pastoral

lidos e editados, meditado pelos doutos e pelos ignorantes. Em 1620, numa carta de 16 de Agosto ao padre Antoniotti da Companhia de Jesus, S. Francisco reconhecia o sucesso da obra em diversos países e as reimpressões em língua francesa ultrapassavam já as quarenta. Dom Mackey, no prefácio às obras do Santo, declarava em 1893: «Actuellement, on peut avancer sans exagération que les éditions de cet ouvrage dépassent le nombre de mille».

Alguns críticos defendem que a *Introdução à Vida Devota* é composta em grande parte pelas cartas de direção espiritual escritas à senhora de Charmois, que é essencialmente um trabalho de *mise en forme*. No entanto, esta não é a opinião geral, pois as cartas deste período caracterizam-se pela reduzida extensão, longe de enquadrarem um programa completo de vida cristã. Seriam antes pequenos Avisos e Tratados que ele lhe dirigia os textos que viriam a tornar-se o fundo primitivo da *Introdução à Vida Devota*¹³. Esta senhora, Louise Duchatel, habituada a viver na corte francesa, após o casamento com Claude de Charmois, oriundo da Saboia e parente de S. Francisco de Sales, viu-se retirada para um castelo solitário e privada da companhia do marido, constantemente ausente devido a funções diplomáticas. Mergulhada numa enorme tristeza vê a sua vida transformada pelo Santo, que lhe revela o segredo de uma vida bela: animar os mais simples deveres quotidianos com o amor de Deus. Ela encontraria nesse amor de que lhe fala o Santo a força que lhe havia de ser ainda mais necessária quando ficou viúva e tomou a direção da sua casa.

Aquilo que nos parece evidente é que esta obra tem uma finalidade logo apresentada no título: dirigir, desde o primeiro momento, as almas no caminho da devoção. Por outro lado, há que ter em consideração que o percurso traçado é mais fruto da prática do que da teoria, baseado em casos concretos, pois o Santo tinha já uma larga experiência na direção espiritual, fosse ela presencial, fosse através de cartas e pequenas regras escritas¹⁴. Para criar maior proximidade e não cair dos riscos da abstração, diz o Santo:

literature, revealing the enriched perspective of a bishop-writer who sought to expand the human heart's capacity for God».

¹³ LE COUTURIER, E. - *Lettres de direction et Spiritualité de saint François de Sales*. Ob. cit., p. 42-43. De facto, no prefácio da *Introdução à Vida Devota*, o Santo refere que não foi por iniciativa sua que decidiu publicar a obra, mas porque «huma Alma verdadeiramente honrada e virtuosa», a quem tinha deixado «por escrito algumas memorias, para que recorresse a ellas, quando lhe parecesse necessário», sendo essa pessoa identificada como a senhora de Charmois. É terá sido essa senhora que deu conhecimento dessas memórias a «hum grande e devoto Religioso, o qual julgando, que muitos podiaõ tirar proveito dellas, me exhortou a que as publicasse: o que lhe foi fácil de me persuadir, por ter a sua amizade grande poder sobre a minha vontade, e o seu juízo huma grande autoridade sobre o meu.».

¹⁴ Ver STROWSKY, Fortunat - *Histoire du Sentiment Religieux en France au XVII^{ème} Siècle. Saint François de Sales*. Paris: Librairie Plon, 1928, p. 201 : «En effet, au lieu de d'une définition abstraite dans laquelle n'entrent les individualités qu'en se dépouillant de ce qui les fait distinctes et vivantes, on y trouvera un cas particulier assez riche et assez précis pour que chaque personne, par le mystérieux effet de l'analogie, y reconnaisse elle-même sa vie et ses possibilités.».

*Dirijo minhas palavras a Philotea, por que como quero que sirvão á utilidade de commua a muitas almas, o que primeiramente tinha escrito para huma só, a apelido com hum nome comum a todas as que querem ser devotas, porque Philotea quer dizer, madora ou amante de Deos.*¹⁵

Com o prefácio, da autoria do Santo, o leitor fica imediatamente esclarecido quanto à intencionalidade que presidiu à escrita da obra e aos objetivos que pretende alcançar. Assim, sublinha que nada dirá de verdadeiramente novo:

*Na verdade não posso, não quero, nem devo escrever nesta Introdução, senão o que está já publicado por nossos predecessores nesta materia: isto não são mais que as mesmas flores, que te ofereço, Leitor meu, mas o ramalhete que faço, será diferente dos seus, em razão da forma de que he composto.*¹⁶

A novidade do autor da *Introdução à Vida Devota* reside, essencialmente, no público a que se dirige. Tendo a maior parte dos autores que trataram sobre a devoção se dirigido exclusivamente a pessoas retiradas do mundo, propõe-se ser útil àqueles que vivem em sociedade, mostrando-lhes que também a eles é possível aspirar à perfeição. Assim, apresenta uma direção diferente da que apresenta no *Directório de Religiosas*, pois, quando o público é uma ordem religiosa, o caminho para a perfeição tem uma manifestação exterior uniformizada, com uma mesma regra, um hábito, a mesma observância e as mesmas práticas de piedade. S. Francisco de Sales chama a si a responsabilidade de conduzir as almas que aspiram à perfeição, mas segundo as circunstâncias da sua vida, apresentando uma devoção capaz de se adaptar ao estado de cada um.

Antevendo desde logo as críticas que lhe seriam dirigidas, o Santo defende-se dizendo que, apesar de ser Bispo de uma «Diocese taõ pezada», dá por muito bem empregue o tempo usado na direção espiritual, pois não deixa de ser um dever episcopal. De facto, considera que se trata de «hum trabalho que consola, semelhante ao dos segadores e vindimadores, que nunca mais contentes, que quando estão muito ocupados e carregados». Por outro lado, usando de um tópico de modéstia, diz «verdade he que escrevo da vida devota, sem ser devoto, mas não por verto sem o desejo de o vir a ser», mas, escudando-se nas palavras de Erasmo, justifica que «hum bom modo de aprender he estudar, e melhor ouvir, e optimo ensinar» .

A organização da obra é apresentada pelo próprio autor, que explica a

¹⁵ «Prefacção do Santo» in *Introducção à Vida Devota, Introducção à Vida Devota de S. Francisco de Sales, bispo e Principe de Genebra, E Fundador da Visitação. Novamente traduzida na Lingua Portuguesa, com maio exaccção*. Lisboa. Na Of. Patr. De Francisco Luiz Ameno. 1784.

10 ¹⁶ «Prefacção do Santo» in *Introducção à Vida Devota*, Ob. cit.

divisão em cinco partes. Num primeiro momento, pretende «converter o simples desejo de Philotea, em huma inteira resolução», o que implicará a confissão e a comunhão. De seguida, são-lhe apresentados dois meios para se unir mais a Deus: os sacramentos e a oração. Na terceira parte, é-lhe explicado como exercitar as virtudes. Na quarta parte, Filoteia é alertada para «algumas emboscadas de seus inimigos». Por fim, esta alma é convidada a retirar-se para que recupere o fôlego e poder «adiantar-se na vida devota».

Dá início o Santo ao caminho por onde quer conduzir Filoteia. Em primeiro lugar, ensina-lhe o que é a verdadeira devoção, a qual não depende de manifestações exteriores que não se coadunam com o interior e implica, também, o respeito pelo próximo¹⁷. Deste modo, esclarece que «há muitas pessoas que se cobrem com certas acções exteriores de santa devoção; e o mundo as tem por sujeitos verdadeiramente devotos e espirituaes, naõ sendo na realidade mais que estatuas e fantasmas da devoção»¹⁸. Por outro lado, adverte para a imagem negativa que o mundo tem das pessoas devotas, reconhecendo-lhes os sacrifícios, mas ignorando-lhe os benefícios¹⁹, pois desconhece que «A devoção he o verdadeiro assucar espiritual, que tira o amargor ás mortificações»²⁰. A escada de Jacob é apontada como «o verdadeiro retrato da vida devota»²¹, sendo esta sustentada pela oração e pelos sacramentos. As almas devotas que a sobem privam do convívio com Deus e o com o homem, pois têm «asas para voar e arrojarse a Deos» e também têm «pés para caminhar com os homens, por huma santa e amigável conversação», fazendo uso das coisas mundanas só tanto quanto necessário e de acordo com o seu estado, já que conscientes de que são efémeras.

O capítulo III da primeira parte reveste-se de grande importância, na medida em que o seu título mostra um firme propósito do Santo: «Que a Devoção he propria de qualquer profissão ou estado.» Assim, esclarece:

¹⁷ *IVD*, Primeira parte, Cap. I. Ob. cit., p. 2: «O que he dado ao jejum, se tem por mui devoto, porque jejuar; ainda que tenha o coração cheio de rancor: e naõ se atrevendo a molhar a língua com vinho, nem ainda com agoa, por sobriedade; nenhuma duvida terá, em a banhar no sangue do próximo, pela murmuração e calumnia. Outro se terá por mui devoto, porque todos os dias reza grande multidão de orações; ainda que depois disto, desmande a língua em palavras coléricas, arrogantes, e injuriosas, assim com domesticos como com vizinhos. Outro de boa vontade tirará a esmola da bolsa, para da-la aos pobres, mas naõ pôde tirar de seu coração suavidade para perdoar aos seus inimigos: outro perdoará a seus inimigos, mas naõ pagará a seus credores, senaõ á viva força de justiça. Todos estes vulgarmente saõ tidos por devotos, e de nenhum modo o saõ.»

¹⁸ *IVD*, Primeira parte, Cap. I. Ob. cit., p.3.

¹⁹ *IVD*, Primeira parte, Cap. II. Ob. cit., p.5: «Vê o mundo, que os devotos jejuam, oraõ, e soffrem injurias, servem os enfermos, socorrem os pobres, fazem vigílias, reprimem a cólera, detem e affogam suas paixões, privaõ-se dos prazeres sensuaes, e fazem outras acções, que de sua natureza e qualidades saõ asperas e rigorosas: mas naõ vê o mundo a devoção interior e cordial, que torna todas estas acções agradaveis, suaves, e faceis», ob. cit.

²⁰ *IVD*, Primeira parte, Cap. II. Ob. cit., p.6.

²¹ *IVD*, Primeira parte, Cap. II. Ob. cit., p.7.

*Na criação mandou Deos ás plantas, que cada huma dêsse fruto, segundo a sua especie: assim manda tambem aos Christãos, que são as plantas da sua Igreja, que produzaõ frutos de devoção, cada hum segundo o seu estado e vocação. De diferente modo haõ de praticar a devoção o Fidalgo e o Official, o Vassalo e o Principe, a Viuva, a Donzella, e a Casada: e não basta isto: deve o exercicio da devoção, acomodar-se ás forças, aos negocios, e ás obrigações de cada hum em particular.*²²

Para evidenciar a diversidade de estados e as consequentes obrigações, prossegue o Santo dirigindo algumas perguntas à sua Filoteia:

*será bem que o Bispo queira ser solitário como os Cartuxos? E que os casados não fação por adquirir mais que os Capuchinhos? Que o Official esteja todo o dia na Igreja como o Religioso? E religioso sempre exposto a qualquer sorte de encontro, por serviço do próximo, como o Bispo?*²³

Remata o Santo com a justificação para a sua afirmação de que a devoção é possível a todos independentemente do seu estado, pois «quando he verdadeira nada destroe, antes he quem tudo aperfeiçoa» sendo falsa quando «se mostra contraria á legitima vocação de cada hum»²⁴. Como tal, se a devoção atua beneficentemente sobre as obrigações da ocupação e estado de cada um, seja «o cuidado da família», «o amor do marido e mulher» ou «o serviço do Principe», deverá ser considerada heresia o afastamento da vida devota «da companhia dos Soldados, da loja dos Officiaes, da Corte dos Principes, e da convivência dos casados»²⁵. Por outro lado, para destruir completamente a ideia de que a devoção está reservada aos claustros, afirma que é comum «perderem muitos a perfeição na soledade, que tão apetecível he para a perfeição, e conservarem-na no meio do tumulto, que tão pouco favorável lhe parece»²⁶ e conclui que «Onde quer que estivermos, podemos e devemos aspirar á vida devota»²⁷.

Logo de início, é apontada a necessidade de escolher um diretor espiritual para ser bem conduzido no caminho da devoção, sendo essa «a advertência das advertências»²⁸. Da relação entre diretor e dirigida, diz o Santo que deve ser

²² *IVD*, Primeira parte, Cap. III. Ob. cit., p.8.

²³ *IVD*, Primeira parte, Cap. III. Ob. cit., p.8.

²⁴ *IVD*, Primeira parte, Cap. III. Ob. cit., p.9. Bem ao gosto salesiano, é apresentado o exemplo da abelha, que “tira o seu mel das flores sem as murchar, deixando-as inteiras e frescas como as achou: ainda mais faz a verdadeira devoção, porque não só não perverte genero algum de vocação ou coccupação, mas pelo contrario as orna e aformosea.

²⁵ *IVD*, Primeira parte, Cap. III. Ob. cit., p.9.

²⁶ *IVD*, Primeira parte, Cap. III. Ob. cit., p.10.

²⁷ *IVD*, Primeira parte, Cap. III. Ob. cit., p.10.

²⁸ *IVD*, Primeira parte, Cap. IV. Ob. cit., p.11.

baseada na confiança, «como huma filha em seu pai», tornando-se uma verdadeira amizade «forte e suave, toda santa, toda sagrada, toda divina, e toda espiritual»²⁹. No entanto, não se afigura fácil a escolha de um bom diretor espiritual, pois se Ávila falava de um entre mil, o Santo, consciente da sua raridade, sobe o número para dez mil. Este deve juntar três características fundamentais e que raramente se acham juntas: caridade, ciência e prudência³⁰.

A fim de purificar a alma, deve Filoteia buscar um bom confessor e tomar «algum dos livrinhos, que se tem escrito, para ajudar a consciencia a se confessar bem, como Granada, Bruno, Arias, Auger»³¹. Por outro lado, como a confissão ordinária padece muitas vezes de uma preparação deficiente, aconselha-a a fazer a confissão geral com alguma regularidade, a qual, pela reflexão que exige, conduz ao conhecimento de si mesma.

A oração é apresentada como um meio fundamental para alcançar a vida devota. O Santo recomenda principalmente a oração mental e aconselha alguns autores: «S. Boaventura, Belintano, Bruno, Capilia, Frei Luiz de Granada, e o P. Luiz de la Puente». E, precisando de auxílio no que à meditação diz respeito, basta tomar «nas mãos o primeiro Tomo das Meditações de D. André Capilia, e vêde a sua Prefação; porque nella mostra o modo com que se haõ de dilatar os affectos: e mais amplamente o P. Arias, no seu Tratado da Oração mental»³². No entanto, consciente das diferentes obrigações de cada um, adverte para a necessidade de aprender a passar da oração para as exigências do estado e officio³³ sem sofrer de qualquer perturbação.

Uma vez que Filoteia vive no mundo, é-lhe recomendado que não passe

²⁹ *IVD*, Primeira parte, Cap. IV, Ob. cit. p.13.

³⁰ O Padre Nicolau Fernandes Collares, numa obra do início do século XVIII, repete esta mesma ideia e justifica-se com S. Francisco de Sales e a sua *Introdução*: «Por isso dizia aquelle veneravel Mestre de espirito o Padre Joãõ de Avila, que para esta empreza de mil confessores havemos escolher hum, que nos sayba governar o nosso espirito: *Confessarium elige unum ex millibus*. E acrescenta o devoto S. Francisco de Sales, que não só de mil, mas de dez mil, se deve de escolher tal Confessor: *Imo inter decem milia*. Porque se nelle faltasse qualquer daquelles tres principaes requisitos que deve ter: charidade, prudencia & doutrina, mete-se em perigo toda a espiritual direcção.» Ver *Descripçam do Tormentoso Cabo da Enganosa Esperança à Hora da Morte Exposta em Huma Carta de Marear, que ensina como se pôde atravessar com menos risco aquelle tempestuoso Promontorio, por meyo da Penitencia, & reforma da vida, que as Sacrossantas Chagas de Jesus Christo Crucificado. Offerece seu Autor o P. Nicolao Fernandes Collares Ulyssiponense, Prior da Igreja Paroquial de S. Christovão desta Cidade de Lisboa Occidental*. Parte I. Lisboa Occidental. Na Officina de Antonio Pedrozo Galram. Com todas as licenças necessarias. Anno de 1718, p. 116.

³¹ *IVD*, Primeira parte, Cap. VI, Ob. cit., p.17.

³² *IVD*, Segunda parte, Cap. VI, Ob. cit., p.77.

³³ *IVD*, Segunda parte, Cap. VIII, Ob. cit., p.81: «Tambem he preciso costumar-vos a saber passar da oração a todo ogenero de acções, que justa e legitimamente de vos requerem a vossa vocação e profissão: ainda que pareçaõ mui disparadas dos affectos, que recebestes na oração. Venho a dizer. Hum Advogado deve saber passar da oração a avogacia, o Mercador ao contrato, a mulher casada à obrigação do seu Matrimonio, e ao governo da sua familia; com tanta doçura e tranquillidade, que nada se perturbe seu animo por esta causa: pois huma e outra coisa he conforme á vontade de Deos, deve passar de huma para outra com espirito de humildade e devoção.»

sem o retiro espiritual, ainda que este seja feito «no meio de negócios e conversações»³⁴. Bom exemplo a seguir será o de Santa Catarina de Sena que, privada de espaço e tempo para rezar e meditar, criou um oratório no seu coração. Também a frequência da missa, quando por «por alguma ocupação forçosa» não seja possível, pode ser substituída pela «presença espiritual»³⁵.

O Santo pede a Filoteia que seja devota da palavra de Deus, pelo que deve aproveitar os colóquios espirituais, os sermões e, também, ter sempre consigo «algum bom livro de devoção: como são os de S. Boaventura, Gerson, Dionyso Cartusiano, Ludovico Blosio, Granada, Estela, Arias, Pinello, Avila, o Combate espiritual, as Confissões de Santo Agostinho, as Epistolas de S. Jeronymo, e outros semelhantes»³⁶. Recomenda, também, a leitura das vidas dos santos, cujo aproveitamento deve ser feito de acordo com a vocação³⁷, nomeadamente as de Santa Teresa, S. Carlos Borromeu, S. Luís, S. Bernardo, S. Francisco, Santa Maria Egipcíaca, Santa Catarina de Sena, Santa Catarina de Génova e Santa Ângela.

A confissão, por sua vez, deve ser feita «humilde e devotamente todos os oito dias»³⁸ e aconselha a comunhão com a mesma periodicidade. No entanto, ajusta às circunstâncias de cada um, como é o caso das orientações do diretor espiritual e dos «legítimos impedimentos»³⁹, e adverte: «no dia da vossa Cômunhaõ, não deixareis de cuidar no que toca ao vosso estado»⁴⁰.

Quanto ao exercício das virtudes, afirma que este não deve pautar-se pelo gosto de cada um, mas sim escolher aquelas que são mais «conforme a nossa obrigação»⁴¹, como tal:

Cada vocação necessita de praticar alguma especial virtude: humas são as virtudes do Prelado, outras as do Principe: humas as do soldado, outras as da mulher casada, e outras as da viuua: e posto que todos devem ter todas

³⁴ *IVD*, Segunda parte, Cap. XII. Ob. cit., p.90: «E tambem as conversações ordinariamente não são tão graves, que se não possa de quando em quando retirar o coração, introduzindo-o nesta sagrada solidão.»

³⁵ *IVD*, Segunda parte, Cap. XIV. Ob. cit., p.100.

³⁶ *IVD*, Segunda parte. Ob. cit., Cap. XVII, p.106.

³⁷ *IVD*, Segunda parte, Cap. XVII. Ob. cit., p.106: «Lêde tambem as historias das vidas dos Santos, nas quaes como em espelho, vereis a imagem da vida Christã, e acomodai as suas acções ao vosso aproveitamento, segundo a vossa vocação. Porque ainda que muitas das acções dos Santos se não possam imitar, pelos que vivem no meio do mundo: com tuso, todas se podem seguir, ou de perto ou de longe (...).»

³⁸ *IVD*, Segunda parte, Cap. XIX. Ob. cit., p.112: «Confessai-vos humilde e devotamente todos os oito dias, e sempre que puderdes quando haveis de comungar, ainda que não sintais em vossa consciencia remorso algum de pecado mortal.»

³⁹ *IVD*, Segunda parte, Cap. XX. Ob. cit., p.119: «Por exemplo: se estais com alguma sorte de sujeição, e aquelles a quem deveis obediencia ou reverencia, forem tão mal acondicionados, que se inquietem e perturbem, de vos ver comungar tão frequentemente; talvez consideradas todas as coisas, será bem condescender hum pouco com a sua fraqueza, e não comungar senão de quinze em quinze dias (...).»

⁴⁰ *IVD*, Segunda parte, Cap. XX. Ob. cit., p.119.

⁴¹ *IVD*, Terceira parte, Cap. I. Ob. cit., p.125.

*as virtudes, nem todos as devem igualmente praticar, mas cada hum se deve dar com particularidade áquellas, que são proprias do genero de vida a que he chamado.*⁴²

Os passatempos, sua necessidade e prejuízo, são muitas vezes abordados pelo Santo ao longo da obra. Seja na meditação sobre a morte⁴³ ou na reflexão sobre os pecados veniais⁴⁴, são considerados coisas inúteis e perigosas, pois, ainda que lícitas, e muitas vezes necessárias por obrigação de estado, podem por em causa a devoção. Assim, defende que o perigo reside não na prática mas no afeto que se lhe dedica.⁴⁵

Procura o Santo alcançar um difícil equilíbrio entre a vida civil, pautada por um código, e as virtudes cristãs. Assim, defende a humildade no exterior e condena aqueles que «se prezaõ e remiraõ por trazerem os bigodes mui levantados, a barba bem penteada, o cabelo encrespado; por trazerem as mãos macias, por saberem dançar, jogar, e cantar», questionando-se se «naõ he isto leveza de animo, querer inculcar valor, e ganhar reputação com coisas taõ frívolas e ridículas»⁴⁶. Diz mais, «As honras as graduacões as dignidades são como o açafraõ, que se torna melhor e mais abundante, quando o pisaõ aos pés»⁴⁷ e a honra «he fermosa quando recebida, he vileza quando he buscada, requerida, e demandada»⁴⁸. No entanto, «os que buscaõ a virtude naõ deixaõ de tomar os seus postos e honras, que lhes são devidas, contanto que isso naõ lhes custe demasiado cuidado e atenção», devendo fazê-lo «com tal prudencia e discrição, que vá acompanhada de caridade e cortezia»⁴⁹. Nesta linha de pensamento, remata: «Quem pôde haver perolas naõ se carrega de conchinhas: e quem aspira á virtude, naõ se disvela por honras». No entanto, logo adverte que «pôde qualquer ocupar o seu posto, e consercar-se nelle, sem ofender a

⁴² *IVD*, Terceira parte, Cap. I. Ob. cit., p.127.

⁴³ *IVD*, Primeira parte, Cap. XIII. Ob. cit., p. 36: «Considerai as grandes tristes despedidas, que vossa alma fará deste mundo inferior: despedir-se das riquezas, das vaidades, das companhias vãs, dos gostos, dos passatempos (...)».

⁴⁴ *IVD*, Primeira parte, Cap. XXI. Ob. cit., p.60: «Assim o peccado venial naõ mata a nossa alma, mas consome a devoção (...). Pouco mais de nada he, Philotea, dizer huma mentirinha, desmandar hum pouco em palavras, em acções, em vistas, em vestidos, em gracejos, em jogos, em danças (...)».

⁴⁵ *IVD*, Primeira parte, Cap. XXIII. Ob. cit., p.61-62: «Os jogos, os bailes, os festins, as pompas, as comedias, substancialmente de modo nenhum são más, mas indiferentes, porque se podem praticar com culpa ou sem ella; com tudo sempre são coisas perigosas, e afeiçoar a ellas ainda he mais perigoso. Digo pois, Philotea, que ainda que seja licito jogar, dançar, enfeitar-se, ouvir comedias honestas, celebrar convites, nem por isso deixa de ser contrario á devoção, ter affecto a estas coisas, e sumamente nocivo e perigoso. Naõ he máo fazê-lo, mas sim ter-lhe affecto. (...) Naõ digo pois que naõ podemos usar destas coisas perigosas, o que assevero he, que nunca já mais poderemos empregar nellas o affecto, sem arriscar a devoção.»

⁴⁶ *IVD*, Terceira parte, Cap. IV. Ob. cit., p.144.

⁴⁷ *IVD*, Terceira parte, Cap. IV. Ob. cit., p.145.

⁴⁸ *IVD*, Terceira parte, Cap. IV. Ob. cit., p.146.

⁴⁹ *IVD*, Terceira parte, Cap. V. Ob. cit., p.147.

humildade, com tanto que isto se faça modestamente, e sem contenda (...)»⁵⁰.

Não poderia o Santo deixar de falar da humildade nos comportamentos a que obriga a civilidade, não devendo esta ser confundida com a dissimulação:

*a civilidade requer, que algumas vezes ofereçamos o melhor lugar aos que certamente o não ão de aceitar: isto não he dobrez, nem humildade falsa; porque neste caso, o oferecimento per si só, he hum principio de honra; e já que não pôde dar toda inteira, não será desacertado dar-lhe o principio. O mesmo digo de algumas palavras de honra e respeito, que em rigor não parecem verdadeiras: ainda que bastantemente o são, com tanto que o coração de quem as pronuncia, tenha verdadeira intenção de honrar e respeitar aquelle por quen as diz: porque ainda que as palavras signifiquem com algum excesso o que dizemos, não fazemos mal em usar dellas, quando o estillo comum o requer.*⁵¹

O Santo pretende que as pessoas que vivem no mundo e desejem buscar a perfeição aceitem os usos e costumes legítimos da sociedade em que se movimentam, mas à qual não se devem agrilhoar. Como tal, devem vestir-se como as demais pessoas do seu tempo, empregar as mesmas fórmulas de cortesia que estão em uso, aceitar as regras de sociabilidade vigentes. No entanto, quando a convivência social entrar em conflito com a vontade de Deus, por amor, a alma devota deve saber afastar-se.

Quanto à reputação, defende que esta deve ser cuidada, mas sem entrar em cuidados excessivos. No entanto, o Santo exorta a «deixar a conversação vã, a pratica inutil, a amizade frivola, o costume fatuo, se isto prejudicar á boa fama, porque o credito val mais, que todo o genero de vaõ contentamento»⁵².

Na relação com os outros, é aconselhada a mansidão e uma luta constante contra a ira⁵³. Diz mesmo que não devemos esforçar-nos por aprender a viver

⁵⁰ *IVD*, Terceira parte, Cap. V. Ob. cit., p.146. O jesuíta Jean Croiset dedica a S. Francisco de Sales várias páginas no seu *Año Christiano ó Exercicios Devotos Para Todos Los Dias Del Año*. Aí, faz eco das palavras do Santo nesta matéria: «La verdadera grandeza, el mérito verdadero, no consiste en ocupar grandes puestos, en poseer grandes dictados, en conseguir gran nombre, en lograr la gracia del Principe, sino en gozar de la de Dios.» Ver CROISSET, Jean [S.J.] - *Año Christiano ó Exercicios Devotos Para Todos Los Dias Del Año. Contiene la Explicacion del Misterio, ó la Vida del Santo correspondiente á cada dia, algunas Reflexiones sobre la Epístola, una Meditacion despues del Evangelio de la Misa, y algunos exercicios prácticos de devocion, ó propósitos adaptables á todo género de personas. Fielmente Traducido del Frances en castellano. Enero*. Por D. Joachin Ibarra, Madrid, 1780, p. 482.

⁵¹ *IVD*, Terceira parte, Cap. V. Ob. cit., p.150

⁵² *IVD*, Terceira parte, Cap. VII. Ob. cit., p.163

⁵³ *IVD*, Terceira parte, Cap. VIII. Ob. cit., p.167: «Nada aplaca tanto o elefante irado como a vista de hum cordeirinho, e nada quebra tão facilmente a força de artelharria, como a lâ (...). Assim tambem em quanto reina a raaõ, e socegadoamente executa os castigos correccões e repreensões, ainda que seja com rigor e exacçaõ, todos a amaõ e aprovaõ: mas quando traz consigo a ira a raiva e enfado, que saõ (diz Santo Agostinho) os

com a cólera, mas sim empenhar-nos em bani-la da nossa vida, pois «por pouco lugar que lhe demos, se faz senhora de toda a praça: havendo-se como a cobra que introduz facilmente todo o corpo, por onde pôde meter a cabeça»⁵⁴. A mansidão deve ser usada em relação aos outros e a si própria:

*Crêde-me, Philotea, que assim como as admoestações de hum pai feitas branda e cordialmente, tem muito maior efficacia sobre hum filho para o emendar, do que os enfados e agastamentos: assim tambem, quando o nosso coração houver cometido alguma falta, se o reprehendermos com admoestações brandas e tranquilas, tendo mais compaixão d'elle do que paixão contra elle, animando-o á emenda: o arrependimento que conceber passará muito avante, e penetrará muito mais, do que o arrependimento agastado irado e tempestuoso.*⁵⁵

No que diz respeito aos negócios, o Santo estabelece a diferença entre «cuidado e diligencia» e «anxiedade, desassocego e fadiga». Assim, diz a Filoteia que deve ser cuidadosa e diligente com os negócios que tem a seu cargo, pois foram-lhe confiados por Deus, mas não se deve deixar levar pela ânsia e desassossego⁵⁶.

Falando de três virtudes que considera fundamentais, obediência, castidade e pobreza, logo adverte o Santo que devem ser praticadas por todos, mas não da mesma maneira, «cada hum segundo a sua vocação»⁵⁷.

A *Introdução à Vida Devota* mostra-nos a profunda cultura do Santo, pois cita com frequência vários autores e também as Sagradas Escrituras. Nota-se o seu especial apreço pelo *Cântico dos Cânticos*, de que tantas vezes se socorre para mostrar à alma devota as delicadezas do amor divino, convidando a fazer-se sua esposa. Santo Ambrósio, Santo Agostinho, S. Basílio, S. João Crisóstomo, S. Gregório, S. Anselmo, S. Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena e muitos outros são convocados como exemplos e como justificação para o que afirma a cada linha. Quanto a escritores do século XVI, aqueles que mais parecem ter influenciado o nosso Santo na escrita desta obra são Santa Teresa, Frei Luís de Granada e Lorenzo Scupoli, autor do tão estimado *Combate Espiritual*.

seus soldados, se faz mais terrível que amavel, e seu proprio coração fica sempre oprimido e maltratado.»

⁵⁴ *IVD*, Terceira parte, Cap. VIII. Ob. cit., p.168.

⁵⁵ *IVD*, Terceira parte, Cap. IX. Ob. cit., p.172.

⁵⁶ *IVD*, Terceira parte, Cap. X. Ob. cit., p.175: «Os rios, que correm socegradamente pelas planicies, leuão grandes baixeis e ricas mercadorias: e a chuva que cahe brandamente no campo, o fecunda de ervas e de graõ; mas os torrentes e ribeiras que com borbohões correm precipitadas, arruinã as suas visinhanças, e saõ inuteis ao commercio, assim como as chuvas vehementes e tempestuosas assolaõ os campos e prados. Obra que se faz impetuosa e arrebatadamente nunca foi bem feita.»

⁵⁷ *IVD*, Terceira parte, Cap. XI. Ob. cit., p.178.

Em conclusão, analisando a forma e o estilo da *Introdução à Vida Devota*, nota-se que S. Francisco de Sales conhece as necessidades espirituais da sociedade do seu tempo e, como quer que o seu livro seja útil e acessível a todos, esforça-se para que a seja atrativo e persuasivo. Assim, chama cada alma em particular, mostra-lhe que tudo o que lhe pretende ensinar é compatível com os seus deveres e indica-lhe quais os meios de que dispõe para concretizar o seu propósito. Por outro lado, evitando a aridez que caracteriza muitos dos textos de matérias espirituais, adota um registo melífluo, sobejando as referências a mel, abelhas⁵⁸, flores e frutos.

O *Directorio de Religiosas* é uma pequena obra de S. Francisco de Sales. Esta expressa claramente a doutrina do santo no que diz respeito à perfeição. Os primeiros capítulos são dedicados à liberdade do espírito e como viver em conformidade com ele; segue-se o tema da verdadeira devoção, do amor de Deus e seus efeitos. Num registo semelhante à *Introdução*, são, ainda, explorados o amor ao próximo, as atitudes recomendadas em situação de calúnias, a conversação. Entrando já num contexto próprio do ambiente religioso, são abordados temas como a imitação de Cristo, a mortificação, a abnegação, as contrariedades e a necessidade de ultrapassá-las, as tentações, a oração e a frequência dos sacramentos. São, também, exploradas as diversas virtudes de que deve usar uma religiosa: a paciência, a humildade, a generosidade, a tranquilidade, a obediência, a submissão, a simplicidade religiosa, a doçura, a modéstia. Depois de alguns exercícios, surge um capítulo sobre a perfeição religiosa, sublinhando o autor que esta consiste na união a Deus.

Tendo em conta a breve exposição dos assuntos tratados, facilmente se percebe que, se a *Introdução à Vida Devota* tem um carácter universal, na medida em que insiste na ideia de que a perfeição cristã é possível a todos, independentemente do seu estado, o *Directorio*, dirige-se principalmente a religiosas, ainda que possa ajustar-se, em muitos aspetos, às pessoas que vivem no século. De facto, «Es este Directorio hijo legitimo de San Francisco de Sales, y digno hermano de aquel tan celebrado, como provechoso *Libro de la Introduccion à la vida devota* (...)»⁵⁹

O *Tratado do Amor de Deus* surgiu em agosto de 1616, em Lyon, mas esta obra vinha ocupando o pensamento do seu autor havia já alguns anos, mesmo antes da publicação da *Introdução à Vida Devota*.

⁵⁸ IVD, II. Ob. cit., p. 78 : «Os que tem passeado por hum jardim, naõ sahem delle de boamente, sem levar na maõ quatro ou cinco flores, para as cheirar e ter comsigo pelo decurso do dia: assim o nosso entendimento, tendo discorrido por algum mysterio da oração, devemos escolher hum ou dois ou tres pontos, dos que mais tivermos gostado, e mais acomodados ao nosso aproveitamento, para os trazermos na memoria no resto do dia, e os cheirar espiritualmente.»

⁵⁹ «Censura de el muy Reverendo Padre Martin de la Naja, de la Compañia de Jesus» in *Directorio de Religiosas. Compuesto por S. Francisco de sales, Obispo y Principe de Geneva*. Traducido de italiano por el Licenciado Don Francisco de Cubillas Don-Yague. En Madrid, en la Oficina de Melchor Sanchez, Año 1676.

Trata-se, pois, de uma obra mais complexa, que parte do princípio de que Teótimo dispõe dos conselhos dados a Filoteia. O prefácio do *Tratado* é esclarecedor a este respeito:

Ce Traité donc est fait pour aider l'âme déjà dévote à ce qu'elle se puisse avancer en son dessein, et pour cela il m'a été force de dire plusieurs choses un peu moins connues au vulgaire et qui par conséquent sembleront plus obscures : le fond de la science est toujours un peu plus malaisé à sonder, et se trouve peu de plongeurs qui veuillent et sachent aller recueillir les perles et autres pierres précieuses dans les entrailles de l'océan.⁶⁰

O autor esclarece quem é Teótimo, aquele a quem dirige as suas palavras: «est le esprit humain, que désire faire progrès en la dilection sainte, esprit qui est également es femmes comme es hommes»⁶¹.

Tal como o havia feito em relação à *Introdução*, S. Francisco de sales afirma que não pretende dizer nada que tenha sido previamente dito, uma vez que o amor de Deus é um tema excelente que já tinha ocupado grandes e diversos autores, como foi o caso de S. Tomás, S. Boaventura, Gerson, Granada, Estela, Richeomme, Belarmino, Lourenço de Paris e Jean Pierre Camus, entre outros. Quanto ao estilo a seguir, mais uma vez o Santo faz questão de deixar bem claro que não pretende fazer uso de outro que não seja o da simplicidade.

A obra apresenta-se dividida em doze livros, e cada um dele em vários capítulos. Em primeiro lugar, surge uma espécie de livro preliminar, onde o autor se debruça sobre a vontade humana e o seu poder, bem como sobre o amor, apresentando como o mais perfeito aquele que é dirigido a Deus e referindo que todos nós temos uma inclinação natural para amar a Deus sobre todas as coisas. Nos livros seguintes, é apresentada a geração do amor divino, são explorados os diferentes graus deste amor e os perigos que o ameaçam e poderão conduzi-lo à ruína. Nesta união progressiva da alma com Deus, não poderia deixar de ser referida a importância da oração (meditação e contemplação). O *Tratado do Amor de Deus*, que, apesar de não ter alcançado o sucesso editorial da *Introdução à Vida Devota*, tanto mais que não era tão acessível, viu, também,

⁶⁰ «Préface». In *Traité de l'Amour de Dieu*, Ed. Pléiade, p. 342.

⁶¹ «Préface». In *Œuvres de Saint François de Sales: Introduction à la Vie Dévote, Traité de l'Amour de Dieu, Les Entretiens*. Ed. de Devos, Roger Paris: Gallimard, 1969, p. 342. Note-se que o Santo se vê na necessidade de esclarecer que a escolha dos nomes Filoteia e Teótimo não têm implicações de género, como erradamente alguém presumiu. «Un grand serviteur de Dieu m'avertit naguère que l'adresse que j'avais faite de ma parole à *Philotée*, en l'*Introduction à la vie dévote*, avait empêché plusieurs hommes d'en faire leur profit, d'autant qu'ils n'estimaient pas digne de la lecture d'un homme les avertissements faits pour une femme. J'admire qu'il se trouvât des hommes qui, pour vouloir paraître hommes, se montrassent en effet si peu hommes ; car je te laisse à penser, mon cher Lecteur, si la dévotion n'est pas également pour les hommes comme pour les femmes (...).», ob. cit., p. 341-342.

o seu mérito reconhecido⁶². Assim, as duas obras representam degraus diferentes:

*il ne faut oublier que l'Introduction n'est qu'une introduction. Elle contient, comme on l'a dit, la doctrine du seuil. Lorsque Philothée aura pris l'habitude de la demeure de la devotion, quand elle aura assuré le gouvernement d'elle-même, le directeur lui proposera dès taches plus hautes et l'invitera aux ascensions de l'amour. L'Introduction à la Vie Devote s'adresse à tous les chrétiens, le Traité de l'Amour de dieu s'adresse à l'élite que cette introduction a dégagée et forme. L'ascèse de l'Introduction mène à la mystique du Traité.*⁶³

Como referimos no início deste trabalho, consideramos que seria pertinente explorar possíveis influências dos modelos de direção espiritual de S. Francisco de Sales em contexto português. Assim, deixamos algumas “luzes” sobre Frei Agostinho de Santa Maria⁶⁴, difusor da espiritualidade de matriz salesiana e

⁶² A este respeito, afirma CROISSET, Jean no seu *Año Christiano*: «Poco tiempo despues compuso aquel admirable libro de la *Práctica del Amor de Dios*, que el Papa Alexandro VII llamaba *Libro de Oro*, del qual han hecho elevadissimos elogios los mas ilustres Prelados. En la *Introduccion à la vida devota* (dice el célebre Obispo de Venecia el Señor Godeau) *Francisco es Angel, que guia à los Tobias pequenuelos por el camino, y por la peregrinacion de esta vida: en el tratado del Amor de Dios es un abrasado Serafin, que pega fuego al corazon de los perfectos. Este ensena à volar, aquel à caminar por las sendas del Evangelio com modo sencillo, pero sólido, y seguro: uno da el pan de los fuertes à las alamas fuertes, outro nutre com suavissimo leche à los que non son capaces de alimento mas robusto.*», ob. cit., p. 477. Há que ter, também, em consideração que, à semelhança do que aconteceu com a *IVD*, também o *Tratado* foi destilado por outros autores, como é o caso da obra *Les Sentimens de Saint François de Sales, Evêque de Geneve, Touchant la Grace. Recueillis Fidélement de son excelente Traité de l'Amour de Dieu*. Par le R. P. D. Pierre de S. Joseph, Religieux Feuillant. A Paris. Chez F. Muguet. MDCLXIX. No prefácio, depois de apresentar o Santo como «un des plus sçavants hommes, & des plus saints de nostre siecle», afirma o autor que «Les discours de ce grand Personnage que je vous presente sont si admirables, & expliquent si proprement & si agreablement les plus hautes difficultez de la Grace, qu'il n'est pas possible que vous n'en demeurez satisfait, porveu que vous lisiez avec l'attention, & le respect qu'ils meritent.» «Preface», ob. cit., p.8. Outra obra que merece também uma referência é *Traité de L'Amour de Dieu, Divisé en XII Livres, Avec un Discours Préliminaire à la tête de chaque Livre; & à la fin de chaque Tome, un Recueil de Maximes Spirituelles, de Sentences, & de pieuses Affections, tirées du corps de l'Ouvrage. Selon la Doctrine, l'Esprit, & la Méthode de Saint François de Sales*. Nouvelle Edition. A Paris, Chez Hippolyte-Louis Guerin. MDCCXLVII.

⁶³ CALVET, J. - *La Littérature Religieuse de François de Sales à Fénelon*. Ob. cit., p.53. Também o Papa Pio XI se pronuncia sobre esta obra: Segundo o Papa Pio XI: «(...) el *Tratado del Amor de Dios*, en el cual el Santo Doctor quiere escribir como la historia de la caridad divina, narra el origen, los progresos, las razones por las cuales ella arde o languidece en el corazón de los hombres; enseña, en fin, la manera de ejercitarse y avanzar en ella. Cuando se presenta ocasión, explica claramente cuestiones muy difíciles, como las de la gracia eficaz, de la predestinación, del llamamiento a la fe; y para evitar la aridez, utiliza los recursos de su espíritu fecundo y pronto, adorna el discurso com tan grande placidez y tanta suavidad de unción, y lo ilustra com tanta variedad de semejanzas, ejemplos y citas.», Pio XI, *Rerum omnium*, pp. 405-406, tradução de BUSTAMANTE CHICAÍZA, Orlando A. - *La Práctica de la Dirección Espiritual en la Vida y Enseñanzas de San Francisco de Sales*. Ob. cit., p. 148.

⁶⁴ Na *Bibliotheca Lusitana* pode-se ler que nasceu em Estremoz em 1642 e faleceu em 1728, tendo no século o nome de Manoel Gomes Freyre. Professou nos Agostinhos Descalços em 1665, «foy o primeiro Noviço, que teve neste Reino». Assumiu funções de destacada importância, nomeadamente de cronista da Ordem e Vigário Geral, «Passou o largo espaço da sua vida continuamente aplicado à lição dos livros, de que nunca se absteve ainda quando já o dispensava a sua idade decrepita gravemente attenuada pelo rigor dos jejuns, e

autor de uma vasta produção escrita de que damos notícia em nota, sendo que muita dela ficou manuscrita. Ao que nos parece, terá alcançado grande fama o seu nome, pelo que mais nos leva a crer que, direta e indiretamente, terá dado a conhecer a doutrina de S. Francisco de Sales. As obras de que nos ocuparemos de seguida são o *Adeodato Contemplativo*⁶⁵ e a *Celeste e Devota Filothea*⁶⁶. Logo à partida, este último título não poderia passar incógnito para quem se tem dedicado a S. Francisco de Sales, pois imediatamente remete para a destinatária, aqui já tantas vezes referida, da *Introdução à Vida Devota*⁶⁷, aquela

disciplinas, e o que causava mayor admiración foy, que sem socorro de Amanuense escrevesse perfeitamente pela sua mão, sem usar de oculos, os muitos livros historicos, e aseticos, com que illustrou a Republica Literaria». A sua produção foi muito extensa e, no *Catálogo dos Livros, que se haõ de ler para a continuação do Dicionario da Lingua Portugueza Mandado Publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Lisboa: Na Typographia da mesma Academia, 1799. Com Licença de Sua Magestade), deste autor são apontadas dezoito obras: *Historia da Fundação do Real Convento de Santa Monica da Cidade de Goa* (1699), *Historia da Vida admirável, e acções prodigiosas da V. M. Soror Brigida de Santo Antonio* (1701), *Exemplo rarissimo de Paciencia e Vida ... de Santa Liduvina* (1703), *Adeodato Contemplativo* (1713), *Santuario Mariano*, 10 vol. (1707-1723), *Rosas do Japão* (1709), *Triumvirato Espiritual* (1722), *Historia Tripartida* (1724), *Celeste, e devota Philothèa* (1727), *Novena de N. Senhora de Nazareth* (1727), *Exame de Consciencia particular e geral* (1704), *Compendio de graças e Indulgencias... da Confraternidade de N. Senhora de Copacavana* (1714), *O Caminhante Christão* (1721), *O Inferno aberto* (1724), *O Confessor Instruido* (1725), *Breve disposição Espiritual* (1716), *Affectos, e Considerações devotas sobre os quatro Novissimos* (1716), *Meditações, e Suspiros do Glorioso D. or da Igreja Santo Agostinho* (1727). Na *Bibliotheca Lusitana* há referência a que algumas destas obras são traduzidas, nomeadamente *O Confessor Instruido, Caminhante Christão e O Inferno aberto*, do jesuíta italiano Paolo Segneri. São, também, indicadas outras obras que estariam prontas para impressão. Tomo I, p.71.

⁶⁵ *Adeodato Contemplativo, e Univerdade da Oraçam, Dividida em Tres Vias Purgativa, Illuminativa, & Unitiva, Em Estylo de Parabola, Facil, Claro, E intelligivel, para todos os estados de pessoas, que desejaõ servir, & amar a Deos: com exemplos dos Santos, que na Oraçaõ foraõ mais eminentes, não só dos antigos Padres, mas dos modernos Santos, & Santas: com doutrinas muyto uteis aos Directores das almas. Consagra, dedica, & oferece A Excellentissima Senhora Condeça de Viana D. Maria Rosa de Lencastro, filha dos Excellentissimos Condes de Sarzedas Dom Luis Lobo da Silveyra, & D. Mariana da Silva & Lencastro, Fr. Agostinho de Santa Maria Exdiftinidor Geral Da Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal, & Chronista da mesma Religiaõ, natural da Villa de Estremoz.* Lisboa, Na Officina de Antonio Pedroso Galram. Com todas as licenças necessárias. Anno 1713.

⁶⁶ *Celeste, e Devota Filothea, e Thesouro de Espirituaes Riquezas de Santos Exercicios, com que as almas devotas pôdem crescer muyto nas virtudes, & no amor, & devoçaõ de Jesus, & de Maria. E das muytas Graças, e Indulgencias com que se poderaõ enriquecer, confirmados com muytos, & prodigiosos exemplos, que Offerece, e Dedicã à Senhora Ignacia Maria de Vilhena Fr. Agostinho de Santa Maria Ex-Vigario Geral da Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal, natural de Estremoz.* Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio Pedroso Galram. Com todas as licenças necessárias. Anno MDCCXXVII.

⁶⁷ Note-se que já Palafox tinha usado este nome como título numa obra. Esta, ainda que em língua espanhola, foi publicada em Portugal em 1662: *Peregrinacion de Philotea al Santo Templo, y Monte de la Cruz del Ilustrissimo y Reverendissimo Señor Don Juan de Palafox y Mendoza, Obispo de Osmá, &c. Al Excelentissima Señora D. Luisa Maria de Meneses, Marquesa de Condessa, y Condessa de Portalegre &c.* Lisboa. Em la Officina de Henrique Valente de Olivera, 1662. No «Carta Pastoral y Prologo», diz o autor: «Quisimos llamar Philotea, y no Staurofila a esta illustre seguidora de la Cruz que proponemos: porque aunque Staurofila quiere dezir amante de Cruz, y Philotea de Dios, pero es tan poca la diferencia, que viene a ser univocos los dos nombres, y es más dulce para la pronunciacion, y la lectura a el segundo. Tuvimos tambien presente a outra Philotea Francesa, que instruyõ outro Prelado de aquella nobilissima nacion, sin duda alguna excelente, en espiritu, en letras, y en eloquencia Christiana que traduxo en nuestra lengua un ingenio de los más floridos deste siglo, y nos ha parecido no inutil emulacion, sino espiritual, y santa: que si una Philotea Francesa fue instruida de aquella delgada pluma, outra Philotea Española instruyese a las demás, com manifestare hu-

que representa a alma que aspira à devoção. Por outro lado, o *Adeodato* poderia bem ser Teótimo, pois Frei Agostinho parece plasmar o modelo de S. Francisco de Sales até na escolha de um nome masculino e de outro feminino, ambos de étimo grego. No entanto, neste caso, o percurso iniciático cabe à personagem masculina:

*Adeodato Contemplativo dá o Author por titulo ao livro em que pertende instruir a hum principiante no caminho do espirito: não sey que pudesse achar nome mais proprio para o intento, por se ver no nome expressado com toda a evidencia tudo quanto contém o livro.*⁶⁸

Começaremos pela obra mais antiga, o *Adeodato Contemplativo*, que, logo no título, refere que se destina a *todos os estados de pessoas, que desejaõ servir, & amar a Deos*. A primeira referência ao nosso Santo ocorre logo na dedicatória, pois o autor confessa-se seu imitador na medida em que lhe é possível fazê-lo:

*Se o meu desejo não chegou a igualar nesta obra o estylo de hum S. Francisco de Sales, tão brando, & suave, como o vemos na sua Philothea, & do Veneravel D. João de Palafox, no seu Pastor de Noche Buena, não foy porque ele me faltasse; mas pela muita eloquencia, santidade, & graça daquelles Authores, que podem desmayar à sua vista as pennas mais agudas do nosso seculo. (...) A imitação desta inculpavel cautela, na do Parabolico Pastor de Noche Buena, & na Philothea do Senhor S. Francisco de Sales, he a minha mayor dita neste imitado trabalho do Adeodato Contemplativo; & assim me seguro conseguir de V. Excel. O sagrado patricionio que merece hua obra tão devota.*⁶⁹

Pelas licenças, ficamos a saber que esta obra ocupou vários anos da vida do autor, pois diz a esse respeito diz Frei Nicolau Tolentino: «Este livro, confórme minha lembrança, começou a compor o Author no nosso Collegio das Mercès de Evora, haverà mais de 25 annos»⁷⁰.

No prólogo, o autor justifica a elaboração da obra com o proveito que teria àqueles que confessava e orientava. Assim, afirma: «para os consolar nesta sua pena, me resolvi a fazer este exercício, & com estylo Parabolico, para que lhes não causasse muyto fastio a sua lição». E prossegue com a explicação para que o leitor melhor compreenda e retire fruto da estrutura da sua obra: «introduzi

milde seguidora de la Cruz; sino igualmente aplaudida en la gracia, y elegãncia del estylo por lo menos, no desigual la gloria del empleo, y grandeza del assumpto.», ob. cit., p. 21.

⁶⁸ «Licenças da Ordem». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit.

⁶⁹ «Dedicatória». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit.

⁷⁰ «Licenças da Ordem». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit.

nesta obra a hum estudante, que deseioso da perfeição (para chegar à qual não há outro caminho fóra do da Oração) intentou este tomar o habito de Descalço Agostinho». ⁷¹ De seguida, apresenta os objetivos que pretende alcançar e o público a quem se direciona ⁷², elencando vários autores de matérias espirituais:

Tomey esta preocupação, não para sábios, que estes não necessitam de semelhante obra; sómente a encaminho aos rudos, & ignorantes; aos quaes ainda que os pudera remeter aos livros santos, & doutos, que compuzerão tantos Santos, como a Santa Theresa, que com soberana luz, & verdadeira doutrina, não só encarece os proveytos santos deste caminho, mas ensina a fugir os precipicios delle; a S. João da Cruz, que em sua noite escura ensina a buscar os rayos do Divino Sol; a S. Francisco de Sales Bispo de Genebra, que tambem nos ensina como devemos governar a vida no meyo do mundo, em seu livro a Philothea; & como se há de amar ao verdadeyro amor com amor perfeyto, em outro a Theotima; ao Padre Fr. Luis de Granada, a instruirnos bem a confessar, comungar, fazer Oração, & amar de veras a Deos; a hum Padre Luis de La Puente, da Companhia de, darnos muito amplas materias, & doutrinas para a Oração; & abreviando, a hum Padre Lourenço Capuchinho Francez, a ensinarnos toda a perfeição. ⁷³

Tem noção o frade de que muito teriam a ganhar as almas se lessem as obras de que faz referência, «porque as aguas dos mananciais são sempre melhores que as dos rios». Assim, justifica o trabalho empreendido dizendo que «estas quizerão, que como huma Rebeca, fosse eu mesmo a estas fontes de aguas vivas, & enchesse nellas alguns cantaros, para desafogar o calor dos seus corações». Depois, em jeito bem salesiano, refere-se ao «ramalhete» e ao *Cântico dos Cânticos*:

me sugeytey a condescender com ellas, ajuntando neste tratado, como em ramalhete, muytas das flores que recolhi daqueles jardins, aonde se achão espalhadas; para que com a Esposa possaõ dizer ao Divino Esposo, sirvaõme Senhor estas flores, que são vossos Divinos beneficios, & favores, de remedio, & de consolação a minhas penas. ⁷⁴

⁷¹ «Aos que lerem». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit.

⁷² Se Frei Agostinho afirma que não se dirige aos doutos, Frei Nicolau de S. Francisco parece dar-lhe razão em forma de elogio: «(...)tem esta obra muito de que se admirem os sábios: pois em taõ pequeno volme se achão bem discorridas muitas sciencias, das quaes a mayor, & do Author primeyra, & principal empresa, a da Mystica Theologia: achão-se muytos lugares da Escritura explanados, as autoridades dos Santos bem explicadas, & pontos Theologicos taõ digestos, que de qualquer sugeyto sem letras poderaõ ser entendidos». «Licenças da Ordem», in *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit..

⁷³ «Aos que lerem». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit..

⁷⁴ «Aos que lerem». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit..

A terminar, não podia o autor, tal como o fizera S. Francisco de Sales no prólogo da sua Introdução, deixar de se salvaguardar das críticas que lhe seriam dirigidas por se dedicar a uma matéria já tantas vezes e tão bem tratada.

*A isto posso responder serem muytos os caminhos por onde se pôde ir a hum mesmo País; huns se inclinãrao a fazer as suas viagens por mar, outros pela terra, huns pelo trabalho da posta, outros no descanso da liteyra.*⁷⁵

Começa, então, o percurso de Adeodato, que vai recebendo os ensinamentos necessários para que possa progredir e passar com distinção no exame de que será alvo na «Universidade da Oração». Desta forma, são-lhe apresentadas algumas recomendações sobre as leituras, sendo-lhe dadas a conhecer três classes de livros. A primeira refere-se aos «maos e perniciosos» que são de «amores, callarias, & de encantamentos» que só podem ser lidos por pregadores e confessores «para conhecerem por sciencia os vicios, & peccados que há no mundo, de que não tem experiencia»⁷⁶; a segunda classe é considerada também «damnosa à devoção são as narrativas de ficção, «em os quaes se entretem muitos curiosos»; a terceira «he a boa, & a proveitosa», dividindo-se em «Theologia Escholastica», «Philosophia Moral» e «os livros devotos, & espirituaes, que tratao de oraçao, & espirito». Assim, e dada a variedade de que Adeodato dispõe, é-lhe dada orientação: «nao leas confusamente, nem cayas nos erros em que dao muitos, principalmente mulheres, (que antes de saber o que he devoçao, tomao entre maos livros de uniaõ, & de contemplaçao, porque lhes contenta o espirito, imaginado que tem chegado a este termo». Em primeiro lugar, são recomendados livros para a Via Purgativa: «Lerã todos os Novissimos de Carthusiano, ou outros livros que tratao delles; o padre Estella da vaidade do mundo, as Confissoens de S. Agostinho, a Guia de peccadores de Fr. Luis de Granada, o seu Memorial, suas Meditaçoens»⁷⁷. Chegado à Via Iluminativa, é tempo de ler «a imitaçao de nossa senhora de Joaõ Gerson, o Paraiso da Alma de Alberto Magno, os tres livros dos Exercicios do Padre Alonso Rodriguez» bem como «o P. Arias da Companhia, no livro que trata della, o P. Luis da ponte, as Meditaçoens do amor de Deos do P. Stella, os Trabalhos de Jesus de P. Fr. S. Thome, o Aguilhaõ do Amor Divino de S. Boaventura, & as suas Meditaçoens da Payxaõ, Motivos Espirituaes, o Solitario Contemplativo, a Escola da Oraçao, & o livro que se intitula, Combate Espiritual, que lerã; & tornarã a ler com grande frequencia, porque he medulla, & a nata de muitos livros santos (...); o Methodo para servir a Deos, & á Virgem; a Instruçao de Bloisio, a Introduçao

⁷⁵ «Aos que lerem». In *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit..

⁷⁶ *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit., p. 26.

⁷⁷ *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit., Parte I, cap. 4, p. 29.

à vida devota de S. Francisco de Sales; & as suas obras, que em todas acharàs gosto, & proveito; alem disto tambem he muito proveitosa a lição das vidas, & martirio dos Santos». Passando à Via Unitiva, deverá Adeodato ler «Henrique Harphion, Taulero, aonde está a sua vida ao principio, as Vodas Espirituaes de Rusbrochio, aonde a sua vida anda no fim, & as suas Settas do Amor Divino, os Tratados de S. Boaventura, as Obras de Santa Teresa, S. Catharina de Genova, a Beata Angela de Folinhi, as Revelações de S. Brigida, & de S. Mathilde, a Theologia mystica, recolhida de S. Boaventura pelo P. Graciano, & tambem o Catechismo de Frei Luis de Granada»⁷⁸.

De facto, é longa a lista apresentada pelo autor, mas não poderíamos deixar de assinalar quer as referências às obras de S. Francisco de Sales, quer as obras e autores que o Santo cita e recomenda, nomeadamente o *Combate Espiritual*⁷⁹, as obras de Santa Teresa e de Granada, com quem demonstra grandes afinidades.

Já mais adiantado no seu caminho da devoção, e preparado para «dar conta em publico, do que havia aproveytado na Aula da Via Purgativa», Adeodato volta a encontrar o nome de S. Francisco de Sales, o que lhe suscitará a reflexão sobre o mundo. Entrado numa antecâmara, fixou o olhar num espelho:

*O que mais elevava a vista daquele perfeytissimo espelho, não era o seu ornato; que todo era bronze excellentissimamente dourado, em significação do quanto devemos anhelar pela eternidade significada no bronze. Na parte superior desta moldura se via esculpido em hũa bem engraçada targeta aquelle mote de São Francisco de Sales, que diz: O que não he para a eternidade, não pode ser senão vaidade.*⁸⁰

No capítulo «De outro effeyto da contemplação, que he o repouso da alma recolhida em Deos, ou oração de recolhimento»⁸¹, S. Francisco de Sales é novamente convocado:

*He certo, diz S. Francisco de Sales fallando sobre este repouso da alma, que os amantes do mundo algumas vezes se satisfazem com estar junto, ou á vista da pessoa que amaõ, ainda que não fallem, nem discorraõ entre si de suas perfeyções, satisfeitos ao parecer, de gozar aquella amada presença.*⁸²

⁷⁸ *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit., Parte I, cap. 4, p. 29.

⁷⁹ Desta obra e do especial apreço que por ela tinha S. Francisco de Sales daremos noticia mais adiante, uma vez que muitas vezes foi recomendada a sua leitura porque o Santo a teve por perto durante toda a sua vida, dela fazendo grande uso.

⁸⁰ *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit., Parte II, cap. 5, p. 313. Note-se que o autor conhece, além da *Introdução à Vida Devota*, as *Cartas* do Santo, visto que se encontra numa nota lateral a referência: «Tom.I das epistolas, ep. 161».

⁸¹ Parte III, cap. 27.

⁸² *Adeodato Contemplativo*. Ob. cit., p. 765. Note-se que o autor indica a fonte utilizada através de nota

Relativamente à obra *Celeste, e Devota Filothea*⁸³, Frei Agostinho de Santa Maria não se limitou a imitar São Francisco de Sales na escolha do nome para a alma a quem se dirige ou a fazer referência às obras do Santo. De facto, no início da obra, copia algumas passagens da *Introdução à Vida Devota*, como demonstraremos de seguida.

No capítulo um, «Que cousa seja devoção, & do muyto que importa que alma a abraçe» diz Frei Agostinho:

*Devota Folothea, se aspirais a alcançar a verdadeyra devoção, para com ella amar ao summo bem, sabey que he esta virtude em extremo agradavel á Divina Magestade, & com ella podeis adquirir o seu amor por meyo de tantos exercicios. Muytos achareis, devota Filothea, bons, & excellentes, que se encaminhaõ à perfeição.*⁸⁴

Imediatamente reconhecemos as palavras, ainda que mais breves, formuladas pelo Bispo de Genebra na sua *Introdução*:

*Carissima Plitotea, vós aspirais á perfeição, porque como sois Christã, sabeis, ser huma virtude summamente agradavel á Magestade divina.*⁸⁵

Para apresentar a verdadeira devoção, Frei Agostinho pouco varia em relação às palavras que o Santo tinha usado com o mesmo propósito:

*A verdadeyra devoção não he outra cousa, que hum verdadeyro amor de Deos: & supposto que este quando nos dá fortaleza para bem obrar, he caridade; quando chega a tal grão de perfeção, que não só nos faz obrar bem, mas cuydadosa, frequente, & promptamente; entaõ se chama devoção: ou como ensina Santo Thomás: he huma vontade prompta, firme, & resoluta para se entregar a alma a todas as cousas do serviço de Deos.*⁸⁶

A verdadeira e viva devoção, Philotea, pressupõe amor de Deos, ou não he outra coisa, senaõ hum verdadeiro amor de Deos: com tudo, não he amor de qualquer casta: porque em quanto este divino amor aformosea nossa alma, se chama graça, fazendo-nos agradaveis á Magestade divina: quando nos dá vigor para obrar bem, chama-se caridade: mas quando chega áquelle

lateral: «Prat.1.6. cap.8». Trata-se, pois, de uma referência ao *Tratado do Amor de Deus*, que o autor terá conhecido pela tradução espanhola *Pratica del Amor de Dios*.

⁸³ Trata-se de uma pequena obra, dividida em quarenta e dois capítulos, num total de de 151 páginas. Na primeira página um, surge um novo título: *Erario Celeste e Thesouro de Devoçoens, e Exercicios devotos com que a alma poderá crescer muyto no amor de Jesu, & de Maria*.

⁸⁴ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p.1.

⁸⁵ SALES, S. Francisco de - *Introdução à Vida Devota*. Ob. cit., p. 2.

⁸⁶ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 2.

*graõ de perfeiõ, que nõ sõ nos faz obrar bem , mas cuidadosa, frequente, e promptamente, se chama devoõ.*⁸⁷

Alm o que ficou j dito, o autor d mostras da influncia da espiritualidade salesiana nos vrios conselhos que apresenta  sua dirigida. Bom exemplo  o capitulo IV, onde  formulado o percurso que ela deve seguir para se adiantar na devoõ:

*Devota Filothea: estas regras que vos tenho dado vos serviraõ como a principiante: mas como vos quero nõ sõ aproveitada, mas perfeyta, vos quero propor outras que vos adiantaraõ mais na perfeiõ, a que vs tanto anhelais.*⁸⁸

Destas regras, faremos referncia quelas que melhor ilustram o nosso propsito.  o caso da segunda, em que faz referncia  necessidade de cada um persista no estado que Deus lhe destinou:

*«Perseveray na vocaõ; para que fostes chamada, & vivey conforme a Regra desta vossa vocaõ; tudo o que a Escritura santa manda, & tudo o que prometestes a Deos, cumprireis pontualmente: abraay nõ sõ seus mandamentos para os guardar; mas tambem os seus conselhos, para os seguir, & tudo o que entenderdes ser vontade sua deveis executar.*⁸⁹

Na terceira, so feitas advertncias relativamente aos divertimentos, que devem ajustar-se ao estado de cada hum. Assim, aconselha: vivey fra de ocupaõens ociosas, fugi de praticas demasiadas das creaturas, vacay ao silencio, retiro, & oraõ, quanto o vosso estado o permitir⁹⁰.

⁸⁷ *IVD*. Ob. cit., p. 2.

⁸⁸ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 9.

⁸⁹ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 9.

⁹⁰ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 10.

Nas regras quatro⁹¹, cinco⁹², seis⁹³, sete, oito⁹⁴, nove⁹⁵ e dez⁹⁶, são feitas advertências relativas à civilidade a que está obrigada uma alma que verdadeiramente busca a perfeição cristã. Destas, merece-nos particular atenção a sétima, uma vez que se refere à mansidão e ao amor a Deus, que pressupondo este o amor ao próximo:

amay a brandura, a mansidão, & a piedade, usando destas virtudes com o vosso proximo, considerando a Deos nelle, & fazendo ao senhor o que fazeis ao proximo, porque elle o recebe, como feyto a sua pessoa»⁹⁷

Não poderia Frei Agostinho deixar de fazer referência à necessidade de um diretor espiritual, para que mais seguramente caminhe a sua Filothea nas sendas da devoção:

*todas as obras virtuosas que fizerdes, procuray sejaõ pela direcção de algum Varam prudente, & temeroso de Deos, não tendo vòs Prelado, porque tendo-o vos governareis por elle.*⁹⁸

Desta forma, adverte:

em nada vos fiay do vosso proprio juizo, & assim em todas as cousas,

⁹¹ «(...) ao servo de Deos (diz o Apostolo) não convem litigar: & assim não contendais com ninguem, com porfias, & palavras: fugi de toda a palavra, & pratica ociosa: principalmente das que podem offender a pureza, ou detrair o proximo.» SANTA MARIA, Frei Agostinho de- *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 10.

⁹² «(...) dos ausentes não faleis nunca, se não o que for de bem, & de dedicaçõ, nem o ouçais, & quando com boa tençãõ referires alguma cousa de mal dos ausentes, não o façais se não sendo cousa publica, & certissima, e cahindo nesta falta algumas vezes, fazey logo alguma penitencia, em satisfaçãõ de vossa culpa.» SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 10.

⁹³ «(...) guardai temperança no comer, & beber, & sede moderada no uso das creaturas, para que sejais por amor do senhor pobre de espirito, não amando nada deste mundo, como quem perigrina nelle, vendo tudo de passagem com coraçãõ limpo, & desapegado das cousas terrenas.» SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 10.

⁹⁴ «(...) de ninguem julgueis mal, nem julgueis as consciencias alheyas, nem menos as acçoens dos outros, nem as procureis saber, salvo por officio, ou por obrigaçãõ vos pertencer.» SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 11.

⁹⁵ «(...) quando vires que algum pecca, & tendes esperançã de o livrar com a vossa admoestaçãõ, & o tal se não fará peor deveis admoestallo branda, & suavemente, & pedirlhe benignamente se lembre de sua salvaçãõ, & se emende: se com tudo deffender, & estiver pertinaz; & não tiverdes esperançã de que o podeis dobrar, desisti da correçãõ com mansidão, & socego.» SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 11.

⁹⁶ «(...) se algum vos reprehender, ou emendar, estando vòs innocente, podeis humilde, & beignamente se quizerdes, dar razãõ de vòs: com tudo melhor obrareis (quando disto se não siga escandalo) se pedirdes perdãõ com humildade ao que vos emenda, dando-lhe graças, & prometendo emenda com o favor divino.» SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 11.

⁹⁷ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 11.

⁹⁸ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 11.

especialmente nas duvidosas, tomay conselho com pessoa prudente, & experimentada: não procureis para vòs se não o que for mais agradável a Deos; & buscay sempre o que for mais honra de Deos, & proveyto dos outros, do que o que for proveyto vosso, que Deos terá cuydado de vòs.⁹⁹

O autor refere-se, também, a modéstia que deve ser apanágio da alma devota no que diz respeito a louvores e a famas:

fugi aos louvores dos homens, & o não ser nomeada em elles, & assim não façais cousa alguma com desejo de adquirir fama, respeito, ou estimação, porque só Deos que he author de todas merece a honra, & gloria, como author dellas,: senti de vòs mais humildemente, do que de todos mais, & desejay que todos de vòs sintão do mesmo modo.

Em conclusão, S. Francisco de Sales tornou-se, de facto, um modelo de diretor espiritual seguido por muitos e durante muito tempo, sem constrangimentos de barreiras geográficas. A sua ação parece ser permanente, já que começa nas cartas, passa pelas suas obras, e particularmente pela *Introdução à Vida Devota*, estende-se à corte, entra nos mosteiros. Assim, fica-nos o Bispo que, com mais doçura que rigores, tentou dirigir as almas que, reconhecido o seu carácter excepcional, lhe solicitavam orientação, fosse ela escrita ou presencial. Fica-nos o homem que desenvolveu profundos laços de amizade com a sua principal dirigida e que, com ela, fundou a Ordem da Visitação.

Artigo recebido em 06/06/2015
Artigo aceite para publicação em 15/10//2015

⁹⁹ SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Celeste, e Devota Filothea*. Ob. cit., p. 12.

